

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

500 anos de invasão, 500 anos de resistência / organizador
Roberto Zwetsch. — São Paulo: Ed. Paulinas: CEDI, 1992.

1. América — História 2. Evangelização — América —
História 3. Índios — Missões I. Zwetsch, Roberto.

92-2564

CDD-253.7097

Índices para catálogo sistemático:

1. América: Evangelização: História 253.7097

Roberto Zwetsch
Organizador

500 ANOS DE INVASÃO, 500 ANOS DE RESISTÊNCIA



EDIÇÕES PAULINAS

QUETZALCÓATL E O DEUS CRISTÃO

Aliança e Luta de Deuses*

Elsa Tamez

Nosso objetivo, através deste trabalho, é apresentar uma reflexão teológica sobre a conquista do México, sob o ponto de vista das vítimas da invasão européia.

Esta questão nos obriga a considerar aspectos que superam a indiscutível defesa feita por alguns religiosos dominicanos (Montesinos, Las Casas), franciscanos e outros, diante do tratamento cruel e desumano imposto pelos espanhóis cristãos e pelos teóricos legitimadores dessa injustiça, como por exemplo, Garcia de Toledo¹ ou Juan Ginés de Sepúlveda.² Queremos partir, enquanto possível, da própria voz das vítimas, ou para sermos mais modestos e precisos, daquilo que segundo nosso entendimento, poderia significar a voz oriunda das culturas submetidas à força, a uma cultura estranha e fé religiosa diferente. Nesse sentido daremos grande relevância aos poucos escritos de testemunhas oculares que ainda restam, assim como a outros escritos que não mencionam a invasão, porém nos revelam a vivência religiosa das culturas anteriores à conquista. Assim desenvolveremos algumas idéias provenientes desses escritos.

* Artigo publicado na Revista *Pasos*, n. 35, DEI, São José (Costa Rica), maio-junho/1991, pp. 8-11 e 15-22. Traduzido por Neri Emilio Stein.

1. Gustavo Gutiérrez desvela a teologia de Toledo, desenvolvido no documento "El parecer de Yucay" (1571), que defende e justifica o poder e o saque espanhol, no seu livro *Dios o el oro de las Indias*, Lima, CEP, 1989, pp. 55-133.

2. *Tratado sobre las justas causas de las guerras contra los indios (1547)*, México, Fondo de Cultura Económica, 1987.

Nesta aproximação teológica refletiremos sobre os seguintes aspectos: a revelação do Deus da vida antes da invasão, a perversão da religiosidade, a luta dos Deuses e o Deus da vida como o verdadeiro Deus.

Os destinatários dessa reflexão não são primeiramente os indígenas de religiões diferentes, nem sequer os indígenas cristãos conscientes. São os cristãos mestiços e brancos que vivem uma fé sob limites rigidamente marcados, e que menosprezam outras vivências de fé não-cristãs. Para os indígenas conscientes este trabalho possivelmente está superado, não apresenta nenhuma novidade ou importância. Na verdade, eles estão certos. Eles vivem há muito tempo, em seu cotidiano, o que aqui salientamos em nível teórico (aliança, continuidade e luta de Deuses) e fundamentados em documentos antigos. Na 2ª Consulta Ecológica de Pastoral Indígena, em Quito, Equador, em julho de 1986, os indígenas presentes manifestaram:

Nós, os povos indígenas, estamos convencidos e cremos que Deus, antes do cristianismo, sempre atuou por meio do homem, porque este se orientou pela experiência de Deus... Deus se manifesta e se torna presente através dos mitos dos indígenas e nos acompanha em nossos trabalhos. (Cit. em "Aporte de los pueblos indígenas de América Latina a la teología cristiana", Quito, Abya Yala, 1986, p. 78)

Embora nossos destinatários não sejam propriamente os indígenas, nós os acompanhamos em sua história, assumindo com esta reflexão uma das tarefas que abertamente nos pedem, quando reunidos em Quito durante a 2ª Consulta Ecológica:

Que os teólogos da libertação se manifestem pelo reconhecimento de que as religiões indígenas têm sua própria História de Salvação e que foi revelada em nossas culturas. (Idem, p. 73)

E é isso o que modestamente desejamos fazer!

1. A revelação do Deus da vida antes da invasão

O Deus da vida, criador do universo e amante da verdade-justiça, não começou sua revelação nestas terras com a chegada dos espanhóis ou dos portugueses e seus religiosos. Seria uma afirmação arrogante declarar que a fé verdadeira dos aborígenes se tivesse iniciado com a chegada do cristianismo, ou que eles praticavam uma etapa primitiva de fé e que as milhares de gerações anteriores estavam destinadas a perecer por não contar com o Deus dos cristãos. Esse tipo de afirmação nos revelaria um Deus extremamente limitado, reduzido à ínfima casta européia ocidental.

1.1. É possível reconhecer Deus sob a perspectiva cristã antes da imposição do cristianismo?

Leonardo Boff afirma, sob o ponto de vista teológico, que "as culturas, no seu aspecto de produção de sentido para a vida, na sua dimensão ética e, particularmente, em sua expressão religiosa, são eco da voz de Deus que sempre se dirige à sociedade e a cada subjetividade humana. Elas são conduto da revelação de Deus à humanidade, nas suas diferenças de tempo, de espaço e de modulação cultural".³

3. Leonardo Boff, *Nova evangelização — perspectiva dos oprimidos*, Petrópolis, Vozes, 1990, p. 37.

Do ponto de vista bíblico, vemos que no pensamento poético hebreu a presença de Deus e suas obras são doxicamente expressas com a finalidade de dar-se a conhecer a todos. São os céus que manifestam a glória de Deus e o firmamento que proclama a obra de suas mãos (Sl 19,1-4).

Os evangelhos mostram que Jesus se surpreende frente ao poder de fé de certos pagãos (Lc 7,1-10; Mc 7,24-30).

Entretanto, é Paulo, no Novo Testamento, quem nos oferece a chave para refletir com mais propriedade sobre a revelação de Deus antes da chegada dos espanhóis. Detenhamo-nos neste aspecto.

Paulo volta a repetir a idéia veterotestamentária da revelação de Deus para todos os homens uma vez que a prática da religião judaica de seu tempo restringia o acesso a Deus ao cumprimento da lei e da circuncisão.

O artesão Paulo, testemunha das grandes multidões excluídas da mensagem salvífica do reinado de Deus, considera em sua análise da sociedade idólatra e perversa do seu tempo (Rm 1,3-20) que Deus, desde a criação, manifesta-se através de suas obras, seu poder e deidade. Os seres humanos têm a capacidade de percebê-lo, contemplados que são com a inteligência (Rm 1,20). O fato de que, segundo Paulo, não o houvessem feito, é outra coisa.

O ser humano foi agraciado por Deus com o *nous*, isto é, a razão, o juízo moral ou princípio da inteligência. Através dela o homem pode descobrir o Deus da vida. Além disso, o ser humano tem ao seu alcance o desejo de realizar o bem (Rm 7,18). Quando o pecado predomina no homem, no seu ambiente e na sociedade, é impossível qualquer manifestação do bem.⁴

4. Segundo Pierre Bonnard, *nous* em Rm 7 significa um poder autônomo de discernimento e do conhecimento do bem; trata-se, todavia, de uma categoria teórica,

As discussões filosófico-jurídico-teológicas do século XVI determinaram como ponto fundamental a discussão sobre o estágio da humanidade dos aborígenes.⁵ É óbvio que os indígenas sempre saíram perdendo nessas discussões, pois, se não eram seres humanos, se podiam ser dominados sem qualquer prejuízo de consciência e se possuíam alma ou consciência humana, nunca deixaram de cumprir a vontade de Deus porque eram infiéis e idólatras.⁶ Por isso são-lhes aplicados, sem análise de contexto, os mesmos textos de Paulo aos Romanos, onde, parafraseando suas conclusões, diriam “os índios, portanto, não têm desculpa, porque, embora conhecendo a Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, perderam-se em raciocínios vazios e sua mente ficou obscurecida”.⁷

Surpreendentemente, na mesma carta Paulo nos oferece uma luz para argumentar a fé antes da conquista. É a supremacia da fé sobre a lei. Para Paulo, o verdadeiro conhecimento de Deus se verificava através das atitudes dos seres humanos e não pela observação da lei ou pela circuncisão. Por isso, para o autor da carta aos Romanos, o importante não era a circuncisão ou a não-circuncisão, mas sim “a fé que atua através do amor” (Gl 5,6).⁸ A partir disso Paulo exorta os cristãos de Roma para que não se conformem com o estilo

porque, na prática, a formulação “vendido como escravo ao pecado” não tem efeito. *Anamnésis*, 1980, p. 38.

5. Exemplo disso é a “Carta del abad Luigí Brenna al ilustre señor conde Orlando del Beduino, sobre los salvajes de América que nunca llegan al uso de razón”.

6. Infidelidade, idolatria, imoralidade, inumanidade e outros são os argumentos usados em favor da dominação, cf. Sílvio Zavala, *Filosofia de la Conquista*, México, Fondo de Cultura Económica, 1984.

7. Os argumentos contra a prática religiosa indígena se resumem ao texto de Rm 1,20-31, cf. Sílvio Zavala, *op. cit.*

8. Cf. Elsa Tamez, *Contra toda condena. La justificación por la fé desde los excluídos*, São José, DEI, 1991, pp. 114-126.

de vida de seu tempo, mas que se transformem e renovem seu entendimento (*nous*) para que discirnam (*dokimazo*) o que se deve fazer segundo a vontade de Deus (Rm 12).

Para acabar com a concepção de que a religião hebraica era herdeira única e exclusiva das promessas de Deus, e para anular da lei o requisito de seu cumprimento para pertencer ao povo de Deus, Paulo recorre ao tempo que precede Moisés a fim de provar que ninguém é justificado pela lei, mas pela fé. O apóstolo recorre a Abraão, que foi acolhido por Deus antes de ser circuncidado, e foi considerado justo por sua fé. Abraão foi capaz de acreditar que podia ter filhos apesar de sua velhice. De maneira que é possível ser justo antes da lei, pela fé no Deus da vida (Rm 4,17) ou no Deus que ressuscita os mortos e que tira a vida do nada.

Este argumento paulino serve-nos também de base para incluir outros povos nos planos libertadores de Deus, que não somente não conheceram a lei nem a circuncisão judaicas como tampouco conheceram a religião cristã. O acesso a Deus, ou seu afastamento, a solidariedade de Deus com o ser humano, é possível pela primazia da fé sobre a lei judaica ou sobre o dogma cristão.⁹ A abertura da fé cristã a outras religiões está ligada ao fato da crença no Deus que dá a vida e não pela justificação pela lei. Isso nos leva a colocar-nos problemas de fundo que não nos interessa abordar aqui. Porém, resta o questionamento: não é correta a afirmação cristã de que a salvação vem unicamente de Cristo e que isso pode converter-se em dogma exclu-

9. De acordo com Paulo, somos justificados pela fé em Jesus Cristo e pela fé n'Aquele que ressuscita os mortos. A fé em Jesus Cristo inaugura uma nova humanidade, sendo ele, dentre muitos, o primeiro a ressuscitar. A fé de quem crê n'Aquele que ressuscita os mortos torna possível realizar essa nova vida.

sivista e normativo para todos? Não se está incorrendo no mesmo erro dos judeus do primeiro século que visavam reduzir a revelação do Deus da vida a uma única dimensão da fé? No caso dos judeus, o âmbito da lei; no caso dos cristãos, o âmbito da fé em Jesus Cristo. Acaso o Deus-Trindade não nos ensina a viver a experiência do Deus Único de uma maneira mais plena, livre e em comunhão com os outros?

Estas perguntas para a cristologia não significam que estejamos deslocando a centralidade de Jesus Cristo para os cristãos. Esta permanece porque nossa fé consiste em acreditar que fomos justificados pela fé em Jesus Cristo (*pisteos 'Iesou Xristou*) e pela fé n'Aquele que ressuscita os mortos. A obediência de Jesus Cristo, a exemplo de Adão, inaugurou a nova humanidade para todos. Jesus Cristo representa a humanidade solidária do Deus-Trindade, aspecto necessário em toda a religião que não busca fugir dos desafios da história. Devemos lembrar, assim mesmo, que a tarefa da teologia não está

*em estabelecer o Deus de Jesus Cristo como superior ou absoluto e por isso converter os adeptos de outras crenças ao cristianismo como única religião, mas em testemunhar a vitória de Deus sobre a morte na fragilidade do crucificado.*¹⁰

Este tema que questiona a rigidez e o centrismo das formulações cristológicas e que, justiça seja feita, tem sido o maior obstáculo para um diálogo com outras religiões, é delicado e necessita um estudo mais profundo e cuidadoso. Porém não é nossa intenção desenvolver isso agora. Nosso interesse não é apologético,

10. Klauspeter Blaser, *Esquisse de la dogmatique*, Lausanne, UNIL, 1987, p. 18.

mas sim mostrar que a revelação de Deus — e Pai de Jesus Cristo — na história é muito maior que nosso círculo cristão e que acreditamos que sua graça compreende a totalidade da criação, em seus espaços e tempos.¹¹ O argumento que Paulo utiliza nas Escrituras para introduzir a chegada da justiça de Deus, independentemente da lei, é o mesmo que utilizamos diante do sectarismo cristão e do reconhecimento de outras experiências de fé. Abraão não foi nem circuncidado nem cristão, entretanto, a força de sua fé no Deus que dá vida “foi-lhe contada por justiça”. Lembremos que as comunidades de fé primitivas fundamentam sua fé cristã baseadas nas Escrituras e sentem-se acolhidos pelo mesmo Deus de Abraão, que é também para eles o Pai de Jesus Cristo.¹²

Podemos falar do Deus da vida neste continente antes da invasão. Há elementos da cultura *náhuatl* (asteca) que nos permitem vislumbrá-lo.

1.2. O Deus da vida na cultura *náhuatl*

Para falar do Deus da vida nas culturas mesoamericanas é necessário referir-se ao Deus ou Deuses criadores da humanidade e do mundo, que se preocupam pela vida dos humanos e que não exigem sacrifícios humanos. Na cultura *náhuatl*, por exemplo, terá que recorrer-se ao Deus Quetzalcóatl, que em *náhuatl* significa **serpente emplumada**. A serpente é

11. O questionamento não é novo; os teólogos asiático-católicos, que vivem entre outras religiões, procuram responder constantemente a esse tipo de desafio. Cf. “Cristologies in Encounter”, número especial de *Voices from the third world*, EATWOT, Vol. XI, 1988, n. 2. O mesmo acontece com alguns teólogos ocidentais, cf. Harwey Cox, *Many Mansions A Christian's Encounter with Other Faiths*, Boston, Beacon Press, 1988.

12. Diante do Quinto Centenário da Conquista, a pergunta cristológica por parte da religiosidade indígena é um grande desafio para a cristologia latino-americana e pode implicar numa reconstrução para a qual devemos estar dispostos.

o símbolo da matéria, a pluma é o símbolo do celeste. Trata-se da síntese de esforços combinados de onde o movimento tende a subir (por parte do réptil) e a descer (por parte da ave).

Reconhecemos que falar de Quetzalcóatl é extremamente complexo. Nele estão associados mito e história, pois ele possui natureza muito ambígua; contamos com relatos que narram uma personalidade histórica muito concreta e, por outro lado, relatos que se referem a um Deus. É impossível separá-los. É necessário examinar toda uma elaboração teológica específica da cosmovisão *náhuatl*, o que não é nossa pretensão neste trabalho. Nosso objetivo é simplesmente apresentar alguns aspectos da religião da cultura *náhuatl* nos quais podemos perceber a revelação do Deus da vida.

A veneração de Quetzalcóatl está presente em quase todas as épocas da história mexicana, ainda que sejam sempre os Toltecas que se caracterizam pela veneração desse Deus como o único Deus. O amor por Quetzalcóatl, que nada exige senão mariposas, pode ser observado neste antigo texto:¹³

*Eram cuidadosos com as coisas de Deus.
Somente tinham um Deus,
e o tinham como Deus único,
invocavam-no,
faziam-lhe súplicas
e seu nome era Quetzalcóatl.*

13. Neste trabalho inclui-se uma considerável quantidade de citações de documentos antigos. Pedimos desculpas a quem, eventualmente, conheça os relatos, porém, julgamos importante torná-los conhecidos entre os vastos setores que não os conheçam.

Nota do tradutor: Procurou-se manter, enquanto possível, fidelidade ao estilo do texto original.

*O guardião de seu Deus,
seu sacerdote,
também se chamava Quetzalcóatl.
E respeitavam tanto as coisas de Deus,
que tudo o que lhes dizia o sacerdote Quetzalcóatl
era cumprido, e nada alteravam.
Ele lhes falava, eles guardavam:*

— *“Esse Deus único,
Quetzalcóatl é seu nome.
Nada exige senão mariposas,
que vocês deverão oferecer-lhe,
que vocês deverão sacrificar-lhe”*.¹⁴

Ao louvar Quetzalcóatl como Deus único, todas as outras divindades que aparecem na cidade de onde “nascem os Deuses” (Teotihuacán), como Tlaloc, Deus da chuva, ou Huehuetéotl, o Deus do fogo, são no fundo, de acordo com Miguel León Portilla, nada mais que

*... símbolos das forças naturais — a água, o vento, o fogo e a terra —, que manifestam a ação de um único princípio supremo, quando invocado e recordando sua sabedoria, é chamado Quetzalcóatl Yohuall, Ehécatl — ele que é como a noite e o vento.*¹⁵

A grande admiração e amor por Quetzalcóatl são atribuídos às ações deste Deus em favor da humanidade. Há muitos testemunhos antigos que atribuem a Quetzalcóatl todas as coisas boas para os seres huma-

14. Textos dos informantes de Sahagún, Códice Matritense de la Real Academia de la Historia, fls 176r, tomados de Miguel León Portilla, *Los antiguos mexicanos a través de sus crónicas y cantares*, Fondo de Cultura Económica, 1961.

15. Miguel León Portilla, op. cit., p. 29.

nos: foi ele quem criou a nova humanidade com o Quinto Sol; com seu próprio sangue deu vida e movimento ao ser humano, além de descobrir o milho para seu sustento; deu ao ser humano a sabedoria para construir casas, inventou o calendário, a arte e outras coisas mais.

Há três estelas em Xochicalco, Morelos, que através de imagens e hieróglifos narram ações do Deus Quetzalcóatl: auto-sacrifício, criação do Quinto Sol,¹⁶ descobrimento do milho, etc. Nos *Anales de Cuauhtitlán* (fls. 75-76) entretanto, encontramos o famoso relato da quinta criação. A essência desse relato consiste no fato de como o Deus Quetzalcóatl luta para que surja a existência da nova humanidade, a ponto de ferir-se a si mesmo a fim de conferir-lhe vida. Este relato traz a descrição de um Deus que luta contra o senhor da morte e seu reinado. Sua intenção é recriar a humanidade. Recupera a matéria de outras criações descaracterizadas e com ela, após transfigurá-las para que saiam com os ossos da região dos mortos, deseja que nasçam os seres humanos, os *macehuales*, que significa “os merecidos de penitência”.¹⁷ Apresentamos a seguir uma significativa parte do relato, não somente para que fale por si mesmo, mas para que se observe sua riqueza.

16. Para nossos antepassados mexicanos houve cinco idades: cinco sóis e cinco terras, a quinta idade ou o quinto sol era o da época presente, onde o promotor e criador da vida foi Quetzalcóatl. Nessa idade ou “Sol de movimento”, renunciavam-se movimentos de terra e fomes. Nas quatro idades anteriores aparecem os elementos primordiais: Água, Terra, Fogo, Vento. As criaturas nos falam do Sol de água (nessa época os humanos criados das cinzas foram levados pela água e se transformaram em peixes); o Sol de tigre — Terra — (o Sol não continuava seu caminho após o meio-dia; nessa hora escurecia e os tigres devoravam os humanos que, embora sendo gigantes, eram frágeis; aquele que tombava, tombava para sempre); o Sol de chuva — de fogo — (nessa idade choveu fogo e os habitantes foram queimados); e o Sol de vento (tudo foi carregado pelo vento, os humanos tornaram-se graciosos e se espalharam pelos montes). *Anales de Cuauhtitlán*, fl. 2,77.

17. Miguel León Portilla, op. cit., pp. 17-20.

Depois da criação, os Deuses se preocupam para que alguém a usufrua:

*Disseram: quem viverá na terra?
Porque já foi consolidado o céu
e já foi alicerçada a terra.
Quem habitará na terra, ó Deuses?
Estavam aflitos
Citlalincue, Citlaltónac,
Apantecuhtli, Tepanquizqui,
Quetzalcóatl e Tezcatlipoca.*

*E Quetzalcóatl dirigiu-se imediatamente ao
Mictlán,¹⁸
aproximou-se a Mictlantecuhtli e a Mictlancihuatl.
E disse-lhes, em seguida:
— “Venho em busca dos ossos preciosos
que tu guardas,
venho para pegá-los”.
— “Que farás com eles Quetzalcóatl?”*

*Uma vez mais (Quetzalcóatl) falou:
“os Deuses preocupam-se para que alguém viva
na terra”.
E Mictlantecuhtli respondeu:
“Está bem, faça soar meu caracol
e dê quatro voltas ao redor do meu precioso círculo”.*

18. Mictlán é a região dos mortos; Mictlantecuhtli, o Senhor da morte, e Mictlancihuatl, Senhora da morte.

A natureza solidariza-se com Quetzalcóatl:

*Mas seu caracol não tem buracos;
(Quetzalcóatl) chama então os vermes;
estes lhe fizeram os buracos.
E logo entraram ali os zangões e as abelhas,
e o fizeram soar.*

O Deus da vida e o Senhor da morte enfrentaram-se mutuamente, um a favor e outro contra a recriação.

*Mictlantecuhtli ouviu-o e disse:
“Está bem, apanhe os ossos”.
Mas Mictlantecuhtli disse a seus servidores:
— “Gente de Mictlán!
Deuses, digam a Quetzalcóatl que ele tem que
deixá-los”.
Quetzalcóatl retorquiu:
— “Pois não, de uma só vez apodero-me deles” (os
ossos).
E falou a **náhuatl** (seu duplo)
— “Venho comunicar-lhes que deverei deixá-los”.
E isto falou:
— “Deverei deixá-los”.*

*Porém, logo subiu,
apanhou os ossos preciosos.
Estavam juntos, de um lado os ossos de homem.
E juntos, de outro lado, os de mulher.
Pegou-os
e Quetzalcóatl fez com eles um louvor.
E outra vez Mictlantecuhtli falou a seus servos:*

Durante a fuga de Quetzalcóatl com os ossos, acontece a morte do Deus, e os ossos dos humanos também sofrem as mordidas das codornizes.

— *“Deuses, deixareis que Quetzalcóatl leve os ossos preciosos?”*

Deuses, ide e fazei um buraco”.

Foram logo fazê-lo

e Quetzalcoátl caiu no buraco,

tropeçou e assustaram-se as codornizes.

Caiu morto

e espalharam-se no local os ossos preciosos

que as codornizes morderam e roeram.

Contudo, Quetzalcóatl ressuscita e ao ressuscitar continua com a difícil tarefa de criar o ser humano. Não há segundas intenções neste Deus, pois sendo Deus dual, atua solidário com seu duplo.

Após a ressurreição Quetzalcóatl fica

*aflito e diz a seu **náhual**:*

— *“Que farei, **náhual** meu?”*

E este respondeu-lhe:

— *“Já que a coisa saiu mal,
que resulte como seja”.*

Recolhe-os (os ossos), junta-os

e faz com eles um feixe,¹⁹

que levou imediatamente a Tamoanchan.²⁰

Porém, agora sua obra torna-se pesadosa para ele. O Deus tem que oferecer parte de sua vida no ato

19. Tudo indica que nesta criação há igualdade entre os sexos, uma vez que, com a queda, Deus vê-se obrigado a unir os ossos do homem e os da mulher. Não obstante, na prática, provavelmente não foi assim: a mulher asteca, por exemplo, sofreu a opressão. Cf. Maria J. Rodrigues, *La mujer asteca*, México, UNAM, 1988.

20. Tamoanchán é um lugar mítico onde os deuses transitam.

de criar, porque só dessa maneira poderão existir os humanos. Nisso reside o êxito dessa quinta criação: o sangue do próprio Deus se mistura com os ossos humanos resgatados do mundo dos mortos. Quetzalcóatl fere seu membro para uni-lo à matéria — os ossos — e dessa forma infunde vida à nova humanidade. A Deusa Cihuacóatl ajuda-o na criação:

E tão logo chegou,

a que se chama Quilaztli,

que é Cihuacóatl,

molhou-os

e colocou-os num vaso precioso.

Sobre ele, Quetzalcóatl sangrou seu pênis.

E em seguida fizeram penitência

os Deuses denominados:

Apantecuhtli, Huictloinqui, Tepanuizqui,

Tlallamánac, Tzontémoc

e o sexto deles, Quetzalcóatl.

E disseram:

— *“Eles nasceram, ó Deuses,
os macehuales” (os merecidos de penitência).*

Os que narram o relato estão bem conscientes de que a sua existência deve-se ao auto-sacrifício de Quetzalcóatl.

Parte desse relato é concluído da seguinte maneira:

Porque por nós fizeram penitência (os deuses).

Outro auto-sacrifício do Deus em favor da vida humana é encontrado no relato da criação do sol e da lua, recolhido pelos informantes de Sahagún: os Deuses Tecuciztécatl e Nanahuatzin sacrificam-se lançando-se ao fogo e deles nasce a lua e o sol, respectivamente.

Quetzalcoátl, em sua forma Nanahuatzin, sacrifica-se para criar o sol. O nome do sol é Nahui Ollin (4o movimento), outro nome de Quetzalcóatl.²¹

No entanto, o sol e a lua surgiram no firmamento e não se movimentavam. O movimento está intrinsecamente relacionado com a vida, é a condição para que haja vida. Os Deuses em Teotihuacán tornam a preocupar-se pela vida que verdadeiramente rende graças ao movimento. Afirnam:

— *Como haveremos de viver?*

O sol não se move!

Como exatamente faremos para que as pessoas possam viver?

*Que por meio de nós se torne robusto o sol, sacrifiquemo-nos, morramos todos!*²²

É assim, com o sacrifício dos Deuses, segundo o exemplo de Quetzalcóatl, que se inicia a dinâmica da vida humana; graças a sua morte, tudo começou a ter movimento: o sol, a lua e todo ser vivo da terra.

Aparece novamente a preocupação dos Deuses pela vida dos humanos e é Quetzalcóatl quem assume, de novo, a tarefa de solidarizar-se com eles. Encontramos, dessa vez nos **Anales de Cuauhtitlán**, a preocupação pelo alimento dos seres humanos. Os Deuses decidem partilhar o seu próprio alimento: o milho.

O que comerão os homens, ó Deuses?

Que lhes seja oferecido o milho, nosso sustento.

21. Cf. Román Piña, **Quetzalcóatl, serpiente emplumada**, México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 38.

22. Informantes de Sahagún, **Códice Matritense de La Real Academia**, Fl. 180, citado por León Portilla, op. cit., p. 25.

Quetzalcóatl avista uma formiga vermelha carregando um grão de milho e pergunta-lhe sobre o lugar onde o encontrou. Ela responde que foi em Tonacatépetl, “o monte de nosso sustento”. Quetzalcóatl transforma-se então numa formiga negra, e seguindo outra, traz o milho do monte. Carrega o milho até Tamaonchán e ali os Deuses alimentam-se fartamente e, continua o relato, “depois Quetzalcóatl colocou milho em nossos lábios, a fim de que ficássemos fortes”.²³

Há aqui a revelação do Deus da vida que conhecemos, o Deus misericordioso que dá vida às suas criaturas. A revelação é conhecida não somente por meio da cultura hebraica ou judaica, mas também através de outras culturas tais como a dos nossos antepassados. Não se pode negar a revelação de certos elementos do Deus humano que dá vida, entregando-se a si próprio a fim de que os humanos possam viver.

O Deus Quetzalcóatl foi sempre lembrado com carinho, e nos séculos XV e XVI com amor e saudade, sobretudo pelos povos submetidos aos guerreiros astecas, cujo Deus Huitzilopochtli não podia conviver com Quetzalcóatl.²⁴

2. A perversão da religião

Na medida em que os Deuses são venerados na história na qual os seres humanos tecem socialmente sua realidade, ocorrem, inevitavelmente, diferenças na concepção sobre o sagrado. Nesse sentido é possível falar da traição a Quetzalcóatl e da traição ao Deus bíblico.

23. Román Piña, op. cit., p. 39.

24. As narrativas desses Deuses representam dois níveis históricos distintos. Um pertence à origem de Vênus e do Quinto Sol (relacionado com Quetzalcóatl) e o outro ao nascimento do Deus solar Huitzilopochtli, do tempo dos astecas.

2.1. A traição a Quetzalcóatl

Enquanto ocorre a transição da teocracia para o militarismo, o império asteca vai se estabelecendo e a perspectiva de Quetzalcóatl, Deus da vida, vai definindo. Em seu lugar vai-se impondo com maior poder o Deus sol Huitzilopochtli, de vocação guerreira e conquistadora de outros povos. Para a religião oficial, Quetzalcóatl ficou relegado ao “décimo terceiro ciclo, no mítico Tamoanchán, o lugar dos Deuses velhos e das gerações passadas”,²⁵ embora ele tenha sido mais adorado como o Deus do vento (Ehécatl) nos tempos da conquista.²⁶

No entanto, todos os princípios morais e as virtudes ensinadas por Quetzalcóatl, como por exemplo o aperfeiçoamento interior, a união mística com o sagrado, que o indivíduo pode alcançar após um período de penitência, foram atribuídos a Huitzilopochtli. Serão retomados como herança cultural mas também como legitimação do poder asteca. É conhecido o prestígio atribuído ao procedimento dos Toltecas — cultura apreciada pela sua arte e sabedoria e na qual Quetzalcóatl foi amplamente difundido por seu famoso rei-sacerdote, de nome semelhante, nascido como Ce Acatl Topilzin. Os Astecas autodenominam-se, pois, como descendentes e legítimos herdeiros.

As sociedades mesoamericanas, antes do império asteca e logo após a decadência das cidades teocráticas, passam a assumir um espírito guerreiro, acompanhado de uma religião mais atenta a esse espírito (há pinturas ou estelas nas quais pode-se observar esse tipo de atitude), mas é por meio da religião dos astecas,

25. Román Piña, op. cit., p. 65.

26. Idem, ibidem.

com o Deus Huitzilopochtli à frente, que se observa uma transição que permite perceber o processo de perversão da própria religião.

A partir do surgimento desse Deus, observa-se a sua vocação mítico-guerreira:

*Minha vinda e minha tarefa principal é a guerra... Tenho que proteger e unir todo tipo de nações, e isto não gratuitamente... Dos quatro cantos do mundo haveis de conquistar, subjugar e escravizar para vocês... Isso lhes custará o próprio suor, esforço e o seu sangue.*²⁷

Laurette Séjourné, “expert” em culturas do México antigo, coloca em evidência a ambigüidade da religião imperial asteca, porque se observa nela um alto grau de espiritualidade, associada a uma prática de sacrifícios humanos. A espiritualidade, afirma Laurette, tem sido pouco compreendida, ou ignorada, com razão, em função da barbárie do sacrifício humano.

Os fragmentos de um discurso de um confessor a seu penitente são totalmente dissonantes com o que se conhece da sociedade altamente estratificada no império asteca e dos sacrifícios humanos, parte cotidiana da religião.²⁸

Quando foste criado e enviado com teu pai e tua mãe Quetzalcóatl te formou como uma pedra preciosa... Porém, pela tua própria vontade e capricho, te manchaste... e agora confessaste... descobriste e manifestaste todos eles (os pecados) a nosso Senhor que é protetor e purificador de todos os pecados.

27. Fernando Alvarado Tezozomoc, *Crónica mexicana*, Edit. Maria J. Vigil, México, 1978, pp. 10,13.

28. Laurette Séjourné, *Pensamiento y religión en el México antiguo*, México, Fondo de Cultura Económica/SEP, 1984.

Prosseguindo o discurso, após indicar-lhe a penitência pelos adultérios e as más palavras, diz:

E pela inumanidade que tiveste com os que te são próximos, de não oferecer os bens que te foram concedidos por Deus, nem em estender aos pobres os bens materiais que te foram concedidos por nosso Senhor; terás a obrigação de oferecer papel e copal,²⁹ e também de juntar esmolas para os famintos e necessitados, que não têm o que comer, beber ou vestir, mesmo que tenhas que dar-lhes da tua própria comida; e procura vestir os que andam nus e esfarrapados, olha que a carne deles é igual à tua e que são homens como tu.³⁰

Esses textos são incompreensíveis ao lado de outros relatos que colocam em evidência as relações sociais e econômicas injustas em todo o império. Um pequeno exemplo é o seguinte relato sobre a prática cruel de sacrifícios humanos para um Deus “humanístico”:

Faziam uma solene festa do Deus chamado Xipe Totéc e em honra a Huitzilopochtli. Nesta festa eram mortos todos os cativos, homens, mulheres e crianças...

Os senhores dos cativos os entregavam ao sacerdote ao pé do Cu e os levavam, um após outro, pelos cabelos pelos degraus acima; se alguém resistisse em subir livremente era arrastado até onde se encontrava o altar de pedra, lugar do sacrifício, e onde lhes era arrancado o coração.

29. Copal — goma extraída duma árvore leguminosa, existente em países quentes e que era oferecida por impulso de caridade (N.T.).

30. Textos de Sahagún, *História General de Las Cosas de Nueva España*, 1946, Tomo III, p. 47, citado por L. Séjourné, op. cit., p. 16.

Depois eram jogados degraus abaixo, onde se encontravam outros sacerdotes...³¹

Diante da pergunta de como conciliar uma espiritualidade aparentemente “nobre” com uma prática homicida, Séjourné pensa que os elementos de uma espiritualidade misericordiosa eram alheios aos guerreiros astecas e que, portanto, eles se apoderavam dessa herança espiritual antiga e a transformavam num instrumento de doutrinação.³²

Se assim for, o processo de perversão da religião asteca reside em assumir a teologia de Quetzalcóatl (a da penitência, da necessidade de um aperfeiçoamento interior, de atingir a meta da integração dos opostos, de alcançar a luz de Vênus ou outro planeta após a morte) e convertê-la em incongruência teológica sobre os sacrifícios humanos. Séjourné afirma que

... as leis do aperfeiçoamento interior, instituídas por Quetzalcóatl, servem para que os Astecas apóiem uma sangrenta ordem de estado: a união mística com a divindade, que o indivíduo não pode alcançar, são por sucessivos estágios e somente no fim de uma vida de contemplação e de penitência, está agora determinada pela forma na qual ocorre a morte: a transmissão material, ao sol, da energia humana.³³

Quetzalcóatl, o Deus da vida, foi traído. Da mesma forma o amor à vida, sobretudo além desta vida,

31. Textos de Sahagún, Tomo II, pp. 151ss.

32. Séjourné, op. cit., p. 36. De acordo com a autora, Huitzilopochtli é a única deidade propriamente asteca. “De fato, afirma, limitam-se a ilustrar o princípio da reintegração no grande Todo, por uma identidade solar que se alimenta do sangue dos mortais”. Para ela não houve qualquer mudança senão no culto.

33. Id., idid., p. 35.

como diziam nossos antepassados: “quando morremos, não é verdade que morremos; continuamos vivendo, ressuscitamos, continuamos vivendo, despertamos. Isso nos torna felizes”.³⁴

Esse desejo transformou-se grosseiramente em cobiçar a morte como pretexto para alcançar a vida.

É assim que os Astecas, uma vez no poder, sentiram-se o povo escolhido para livrar a humanidade do cataclisma que sofrerá o Quinto Sol. Já que o Sol protege a vida de todos, é necessário salvá-lo para que todos se salvem. Contudo, a única maneira de salvá-lo consiste em sacrificar os humanos, principalmente os escravos, os prisioneiros de guerra, crianças e mulheres das outras culturas mesoamericanas, submetidas ao império asteca.

O Deus da vida passou a ser o Deus da morte. O Deus que sacrifica para dar vida aos humanos tornou-se o Deus que exige sacrifícios humanos a fim de viver e agir.

Entretanto, a perversidade maior não foi o que ocorreu entre Quetzalcóatl e Huitzilopochtli, pois este era considerado e adorado como Quetzalcóatl. Os sacerdotes tiranos chamavam-se Quetzalcóatl. O que, na verdade, sucedeu foi a pretensão de aniquilar o Deus da vida enquanto eram implantados, violentamente, os domínios e os principados. Para alguns mais lúcidos, Quetzalcóatl foi-se

... quando nosso príncipe Quetzalcóatl embarcou ao mar dirigindo-se à terra vermelha, no lugar da cremação. Então os dominadores, os principados, os reinos adquiriram poder. E os príncipes,

34. Cf. Miguel León Portilla, op. cit., p. 26.

*dominadores e chefes governaram e fundaram cidades.*³⁵

Entenda-se que esse processo não é linear, isto é, que o Deus da vida se transforme, simultaneamente e em toda a região, no Deus da morte. É verdade que os Deuses astecas guerreiros se impõem, sobressaindo-se Huitzilopochtli e Tezcatlipoca. Mas isso não significa que todos os povos os aceitaram, sequer no próprio império. O que ocorre é uma luta de Deuses, como veremos mais adiante.

2.2. A traição ao Deus bíblico

O fato de o cristianismo confessar sua fé por meio de um monoteísmo determinado e preservado, não invalida o fato de que esse Deus possa ser interpretado de diversas maneiras nem que sejam venerados Deuses diferentes.³⁶

Quando os espanhóis chegaram a essas regiões com seu Deus, a inversão do Deus da vida, dentro do cristianismo, já havia ocorrido. O Deus de Abraão que não sacrifica seu filho³⁷ ou o Deus libertador da escravidão do Egito, ou o Filho de Deus que vem para dar vida em abundância e simboliza a fonte da vida, estava ausente.

Em primeiro lugar, Deus é visto como o Deus conquistador que dirige seus escolhidos, os espanhóis, em todos seus planos de conquista. Hernán Cortés

35. Informantes de Sahagún, *Códice Matritense*, fl. 180, citado por León Portilla, op. cit., p. 36.

36. Cf. VVAA, *A luta dos Deuses. Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.

37. Cf. Franz Hinkelammert e a releitura do relato do não-sacrifício de Isaac, Gn 22. *La fe de Abraham y el Edipo Occidental*, São José, Costa Rica, DEI, 1991, pp. 15-16.

menciona, com toda franqueza, a ajuda do Espírito Santo na batalha com os *Mexicas* (denominação dos Astecas) em Tenochtitlan. Em seus relatórios, escreve:

*Quis Nosso Senhor mostrar seu grande poder e misericórdia para conosco, que, embora com toda nossa fragilidade, conseguimos destruir seu grande orgulho e soberba, no qual muitos deles morreram, principalmente pessoas importantes...*³⁸

A batalha contra os espanhóis ocorreu por causa da grande matança num ataque traiçoeiro comandado por Pedro de Alvarado no Templo Maior, durante a festa de Tóxcatl.³⁹

Se assumimos a perspectiva dos *náhuas* a respeito da prática de massacre dos espanhóis no México, não será difícil crer que para eles o Deus dos espanhóis manifestava-se mais imponente que o próprio Huitzilopochtli durante as matanças. Em menos de duas horas esse homem europeu determinou que fossem degolados seis mil pessoas (desarmadas e indefesas) reunidas no templo.

Estes também eram sacrifícios, só que comandados pelo Deus-Ouro. Não existe diferença entre o Deus preponderante do império asteca e o Deus do império espanhol. Ambos submetem e matam porque são impérios. A diferença em relação às mortes humanas está na circunstância em que são assassinadas as vítimas. Os Astecas não matam os vencidos durante as guerras, pois preferem oferecer a vida do prisioneiro de guerra

38. "Cartas de relación de Hernán Cortés", in *Crônicas de la conquista*, México, UNAM, 1987, p. 99.

39. Os informantes de Sahagún (Código Florentino, livro XII, cap. XX.) narram o episódio da matança com uma emotividade singular. Cf. Miguel León Portilla, *A Conquista da América Latina vista pelos índios*, Petrópolis, Vozes, 1984, pp. 31ss.

em sacrifício a Huitzilopochtli, enquanto que os invasores simplesmente massacram para tomar as terras, o ouro, e submeter os povos sob seu jugo. E isso converteu-se em seu Deus.

De fato, os missionários que defenderam os habitantes desta terra perceberam isso. Frei Bartolomé de Las Casas, frente às mortes causadas pela cobiça do outro, questionava: "por acaso os nossos sacrifícios agradarão aos olhos da divina piedade?"⁴⁰

Gustavo Gutiérrez analisa a inversão da verdadeira mensagem da fé cristã, na qual o Deus da vida era substituído pelo ouro. Ninguém melhor que Garcia Toledo, elabora a racionalidade teológica da inversão.⁴¹

Possivelmente, a partir da perspectiva do próprio indígena, a inversão se observa sem nenhuma sofisticação. Assim aconteceu no caso dos indígenas do Peru. Gutiérrez narra a história de alguns indígenas que acreditaram ser o ouro o Deus dos espanhóis. O cacique manda reunir todo o ouro dos membros da sua comunidade e decide dançar ao redor do ouro reunido e depois lançá-lo ao mar. Pensava que, fazendo desaparecer o Deus (ouro) dos estrangeiros europeus, os espanhóis os deixariam.⁴²

Temos, então, em lugar do verdadeiro Deus da vida, o Deus da morte, isto é, o ouro. É o Deus que se impõe através da força como único Deus. É o Deus da lei da ortodoxia. O Deus que não conhece a graça, mas que oferece a salvação em troca do ouro, da escravidão, do tributo, do sofrimento.

Cristo, Deus-humano, aparece morto no crucifixo mas não como alguém que se havia sacrificado para

40. Citado por Gustavo Gutiérrez, op. cit., p. 144.

41. Idem, *ibidem*.

42. Idem, pp. 159ss.

dar vida às criaturas, como faria o Deus da vida Quetzalcóatl ou Jesus Cristo, o Filho de Deus dos evangelhos. Possivelmente os *náhuas* ou os Maias não vejam senão um Senhor morto que exige que acreditem em sua morte como salvação; quem não crê e não se submete a este Deus através do batismo, é considerado morto, e quem se submete, porém, se recusa a entregar o ouro e seus pertences e não paga o tributo ou conspira contra os espanhóis, é igualmente sacrificado. Cuauhtémoc, o último imperador asteca, é batizado e logo depois lhe cortam a cabeça porque conspirou contra os espanhóis sob o comando de Hernán Cortés:

... prendeu-se Cuauhtémoc e o jogaram na prisão, e depois de três dias preso o tiraram e batizaram — não se sabe se lhe colocaram o nome de Don Juan ou Don Fernando — e logo lhe cortaram a cabeça que foi cravada numa ceiba⁴³ diante da casa dos Deuses, no povoado de Yaxam...⁴⁴

A traição ao Deus bíblico é sentida pela forma violenta com a qual se impõe o domínio do novo Deus estrangeiro. O **Códice Ramirez** (fragmentos 3 e 4), por exemplo, narra a reação de Yacotzin, mãe de Ixtlilxúchitl, irmão do senhor de Texcoco. Neste relato percebe-se a presença das duas religiões já invertidas: o Deus cristão impõe seu domínio diante do povo derrotado e o ex-adorador do Deus asteca, Ixtlilxúchitl, atua como servidor de seu antigo Deus Huitzilopochtli. A passagem entre ambos os Deuses amantes do poder e do sangue das vítimas não provoca problemas para os dirigentes como Ixtlilxúchitl. Vejamos o relato:

43. Ceiba — árvore americana da família das bombáceas, cuja altura pode chegar a 30 metros e produz folhas palmeadas e frutos cônicos (N.T.).

44. Citado por Miguel León Portillaa, **El reverso de la conquista**, p. 95.

E se possível fosse, naquele dia batizariam mais de vinte mil pessoas; apesar disso tudo muitos foram batizados... Ixtlilxúchitl dirigiu-se a sua mãe Yacotzin, contou-lhe o que havia acontecido e queria por isso batizá-la. Ela respondeu-lhe que devia ter perdido o juízo, pois já havia se deixado convencer por um punhado de bárbaros cristãos. Ao qual lhe respondeu Don Hernando, que se não fosse sua mãe, a resposta seria cortar-lhe a cabeça. Todavia, mesmo contra sua vontade, ele teria que fazê-lo, pois o que mais importava era a vida da alma. Diante disso respondeu-lhe ela com ternura a fim de que a deixasse por enquanto, que em outra oportunidade pensaria nisso e decidiria o que fazer. E ele retirou-se do palácio e ordenou que incendiassem os aposentos onde ela se encontrava, argumentando que outros lhe haviam falado tratar-se de um templo de ídolos. Finalmente ela saiu dizendo que queria ser cristã. Acompanhada de grande multidão foi conduzida a presença de Cortés e batizada, tendo sido seu padrinho Cortés. E deram-lhe o nome de Maria, por ser a primeira cristã. E o mesmo fizeram com suas quatro filhas e inúmeras outras mulheres. E nos três ou quatro dias que ali estiveram, batizaram grande número de pessoas, como está dito.

Este Deus-Cristo sacrificado é aquele que, pela lei da pureza da fé — inquisição — orienta-se pela lei que exige a morte dos sacrificadores. Por conseguinte, o grande argumento usado pelos teólogos e filósofos europeus da época para submeter os indígenas à escravidão, impor-lhes tributos, roubar-lhes suas terras e riquezas, era que eles sacrificavam vidas humanas, adoravam o demônio e eram idólatras.⁴⁵

45. Cf. Fernando Mires, **En nombre de la cruz**, São José, DEI, 1989, pp. 48-75.

Curiosamente, este Deus dos castelhanos foi para suas vítimas, vítimas também do Deus sacrificador Huitzilopochtli, o Anticristo. Do seu ponto de vista, tributo e cristianismo não eram diferentes. Sofrimento e chegada do cristianismo eram sinônimos. O profeta maia Chilam Balam expressa isso várias vezes:

Somente pelo tempo louco, pelos loucos sacerdotes, foi que entre nós se introduziu a tristeza, que entre nós se introduziu o cristianismo. Porque muitos cristãos aqui chegaram com o verdadeiro Deus: mas esse foi o princípio de nossa miséria, o princípio do tributo, o princípio da esmola, a causa da qual saiu a discórdia oculta, o princípio das lutas com armas de fogo, o princípio dos atropelos, o princípio dos despojos de tudo, o princípio da escravidão pelas dívidas, o princípio das dívidas castigadas às costas, o princípio da contínua rixa, o princípio do padecimento...

Por isso aquele que escraviza e chupa o sangue indígena é chamado de Anticristo.

Por serem crianças pequenas, os moços dos povoados eram martirizados! Infelizes, pobrezinhos! Os pobrezinhos não protestavam contra aquele que, ao seu bel-prazer, os escravizava, o Anticristo sobre a terra, tigre dos povos, gato selvagem dos povos, chupador do pobre índio.

Diante dessa realidade de miséria, graças ao “Deus verdadeiro” trazido pelos espanhóis, porém identificado como Anticristo pelo profeta maia, resta somente esperar o verdadeiro Deus, partidário da justiça e que acabará com os opressores. O profeta Chilam Balam assim manifesta sua esperança:

Mas chegará o dia em que as lágrimas de seus olhos chegarão até Deus e baixará a justiça de Deus de um golpe sobre o mundo.

Verdadeiramente é a vontade de Deus que voltem Ah-Kantenal e Ix-Pucyolá, para sumir com eles da face da terra.⁴⁶

O reconhecimento de um Deus que fará justiça e com isso mostrará sua verdade indica-nos a capacidade das vítimas para enxergar além das manipulações praticadas pelos seus adoradores.

3. A luta dos Deuses

O fundamento principal da revelação do verdadeiro Deus é a vida. Se Quetzalcóatl ou outro Deus são eminentemente Deuses da vida, neles se revela o verdadeiro Deus (em um ou em vários). O monoteísmo não é em si a garantia da revelação do Deus da vida. É a própria vida dos seres humanos vivida com dignidade, justiça e em comunhão com os demais. Por isso o politeísmo não é obstáculo para que aconteça uma verdadeira revelação divina, caso esta ocorra como manifestação da vida em favor de todos.

Não obstante, esse fundamento vital de toda revelação divina verdadeira apresenta-se muito complexo no suceder da história. Aparecem sistemas sociais de poder entre membros de uma cultura e entre culturas diferenciadas. Em outras palavras, a vida é vivida na história humana, na qual se insere o conflito. É dessa forma que encontramos em nossa história diversidade de projetos de estilos de vida, alguns com lógica

46. Chilam Balam de Chumayel, versão de Antonio M. Bolio, São José, Costa Rica, 1930, pp. 29s.

de morte, outros contrários a essa lógica necrófila, e em favor da vida. É daí que surgem Deuses ou interpretações de Deuses opostos e em luta.

É por isso que a luta de Deuses não se dá somente — nem basicamente — entre o cristianismo e a religião indígena, mas no cerne do próprio cristianismo e no âmago da religião tolteca-nahuátl. Essa última é observada no Deus Quetzalcóatl que recusa sacrifícios humanos, em oposição a Huitzilopochtli, para quem eles são necessários para sua existência. Percebemos no interior da religião cristã esta luta de Deuses através do conhecimento que se tem de Deus, verificável unicamente através da sua prática. Por isso o Evangelho insistirá em que “pelos seus frutos serão conhecidos”, ou na afirmação de que “nem todo aquele que diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus”.

3.1. Luta dos Deuses no mundo mexicano antigo

Sobre a luta dos Deuses no mundo asteca, possuímos alguns dados interessantes. É importante notar a diferença, porque parece existir certa confusão entre os Deuses Huitzilopochtli e Quetzalcóatl a respeito dos sacrifícios humanos, e na qual se compreende porque o Deus guerreiro asteca assumiu os valores espirituais de Quetzalcóatl. No entanto essa diferença é radical e insistimos ser importante sublinhá-la a fim de não generalizar a cultura dos antigos mexicanos como sendo toda ela praticante de sacrifícios humanos. A prática de sacrifícios humanos é um argumento constante desde a conquista até nossos dias, argumento que foi usado não só para legitimar a invasão espanhola, mas também para confundir e deixar desorientado o mexicano — indígena ou mestiço — que procura resgatar a cultura de seus ancestrais. Aqui cabe uma pergunta:

por que existiu tal prática em determinada cultura enquanto que em outra não? Suspeita-se que os impérios, donos de um forte aparato militar, sintam-se obrigados a valer-se da prática de sacrifícios humanos para perpetuar o poder.⁴⁷ Contudo, sempre haverá resistência que estará projetada através de uma cosmovisão religiosa diferente.

No mundo mexicano antigo houve povos que recusaram os sacrifícios humanos. Os **Anales de Cuauhtitlán**, por exemplo, são claros em relação à recusa de determinada prática feita pelos sacerdotes de Quetzalcóatl, os quais continuavam vivendo de acordo com o exemplo do Deus. Isso aparece nitidamente na atitude mística do famoso sacerdote Ce Acatl Topilzin:

Quando existia não se expunha publicamente; permanecia num ambiente escuro e guardado... seu aposento era o último... edificou as quatro casas de jejum.

Afirma-se que durante a existência de Quetzalcóatl, seguidamente os demônios quiseram convencê-lo a que praticasse sacrifícios humanos, matando homens. Porém ele nunca quis e nem consentiu, porque amava muito seus súditos, que eram os Toltecas...

Mais tarde, quando a sociedade de Tula se encaminha para o militarismo, os narradores constatam a mudança no culto a Quetzalcóatl. Tudo indica que o começo das mudanças ocorre com o sacerdote-rei Huémac.

47. Essa afirmação é aplicável também hoje. Julio de Santa Ana escreve sobre os sacrifícios atuais gerados pelo sistema econômico que somente consegue sustentar-se gerando vítimas; “Custo social e sacrifícios aos ídolos”, in *Dívida Externa e Igrejas: uma visão ecumênica*, Rio de Janeiro, CEDI, 1989, pp. 73-91.

*Então iniciou-se o tempo dos sacrifícios, levando à morte um grande número de homens. Nesse 7-Coelho (7 Tochtli)⁴⁸ houve uma fome muito grande... pela primeira vez ali começou a grande matança, ocorrida com o sacrifício de homens... Diz-se que a princípio e durante seu poder e tempo, Quetzalcóatl, chamado Ce Acatl, nunca jamais quis os sacrifícios humanos. Neste ano se debandaram os Toltecas; aconteceu no tempo de Huémac, quando ele reinava...*⁴⁹

É de fundamental importância destacar o fato de que existem testemunhos antigos que mostram a recusa do Deus Huitzilopochtli por parte dos povos submetidos ou que haviam selado alianças forçadas com o império e por parte dos próprios Astecas. Um desses testemunhos é a reação do rei Nezahuaecóyotl, que diante de uma estátua do Deus Huitzilopochtli, que fora obrigado a construir em Texcoco, constrói agora outro templo mais suntuoso e elevado e dedica-o ao referido Deus desconhecido, nunca visto até então, nem representado em nenhuma estátua.⁵⁰

Outro episódio é o relato acerca de Tzompantecutli, chefe de um povo submetido pelos Astecas, que foi assassinado por rejeitar, em nome de princípios religiosos, o aumento de tributo exigido pelo imperador que alegava tratar-se de uma necessidade divina.⁵¹

Essa rejeição à concepção mítico-guerreira asteca encontra-se também disseminada na própria cidade de

48. Denominação a um determinado período no calendário da sociedade asteca (N.T.).

49. Cf. Román Piña, op. cit., p. 56.

50. O relato procede de um descendente mestiço de Nezahualcóyotl, Fernando de Alva Ixtliloxóchitl. Miguel León Portilla, *Los antiguos mexicanos através de sus crónicas y cantares*, pp. 116ss.

51. Séjourné, op. cit., p. 52.

Tenochtitlán, capital asteca. Existe uma canção irônica contra Itzcóatl, rei que venceu os Tepanecas e impôs a visão do Deus Huitzilopochtli.

Em alguns casos a atitude das vítimas é confiar plenamente em que se cumprirão as promessas de acordo com a tradição. Em muitos casos, entretanto, as vítimas, em geral prisioneiros de guerra, resistem ao sacrifício.⁵²

Não posso resistir à tentação de narrar o fato de uma jovem maia de Chichén Itzá, a qual não quis colaborar com seus carrascos. Afirmam alguns relatos que as vítimas cooperavam em função das garantias que receberiam no céu. No entanto, essa jovem assegurou categoricamente que caso fosse lançada ao poço, jamais “pediria aos Deuses uma boa colheita de milho nem nada semelhante”. Por isso tiveram que buscar outra vítima.⁵³

3.2. Luta dos Deuses dentro do cristianismo

Dentro do cristianismo espanhol também ocorre uma luta de Deuses. Esse combate entre os Deuses é verificado poucos anos após a invasão espanhola, quando eclode uma dura luta entre os próprios cristãos por divergências a respeito da exploração, escravização e desprezo do indígena. O grupo de dominicanos, liderado por Montesinos, afirma ser o seu Deus muito diferente daquele apresentado pela maioria dos missionários que acompanhavam a conquista.

Frei Antonio de Montesinos, alcunhando-se “a voz de Cristo”, lança-se contra aqueles que, através de práticas avarentas e cruéis, refletem outra maneira de

52. Ibid., p. 18.

53. Eric S. Thompson, *História y religión maya*, México, Siglo XXI, 1987, p. 227.

conceber o Deus da vida. Em seu conhecido sermão no dia anterior ao Natal, atreve-se a afirmar ousadamente:

Venho até aqui, eu que sou a voz de Cristo no deserto desta ilha... Esta voz (diz) é que estais em pecado mortal e nele viveis e morrereis, por causa da crueldade e tirania que usais contra essa gente inocente. Eles não são homens? Não possuem almas racionais?

Esse sermão foi condenado pelas autoridades e colonizadores do local, e até mesmo pelo rei Fernando e o Superior da Ordem dos dominicanos. Montesinos viu-se obrigado a retornar para a península ibérica.

Começa então uma sólida campanha em favor dos escravizados pela conquista, para a qual são utilizados os critérios cristãos. Dessa forma, a idéia da liberdade cristã serviu de apoio aos escolásticos contra a doutrina da servidão natural que estava em discussão na Espanha.⁵⁴ Textos bíblicos começam a ser interpretados em favor dos indígenas, inspirados pela doutrina liberal. Temos assim a invocação de outro Deus, diferente daquele apresentado pelos *encomenderos*⁵⁵ e missionários legitimadores do roubo e do massacre.

O bispo de Chiapas, Frei Bartolomé de Las Casas, como se sabe, é o defensor mais conhecido. Seus escritos revelam sua capacidade e sutileza em traçar uma teologia que acolhe os indígenas como filhos de Deus, e que combate toda a injustiça sob a invocação do nome de Deus. Por meio de carta endereçada ao rei da Espanha, Frei Bartolomé quer mostrar o comportamento dos espanhóis que procuram apresentar um Deus falso:

54. Sílvio Zavala, op. cit., p. 73.

55. *Encomendero* — aquele que por concessão real tinha índios encomendados; era explorador de mão-de-obra (N.T.).

Os índios não tomam nada de ninguém, não injuriam nem aborrecem, nem ofendem, nem matam ninguém; e vêm os cristãos e cometem todos os tipos de delictos (sic) e males...; finalmente, que burlam e zombam daquilo que de Deus lhes é falado e não acreditam em coisa alguma, e no entanto zombam; porque, verdadeiramente, nada conhecem de Deus, exceto que ele é o mais iníquo e mau entre os Deuses, pois sustenta esse tipo de adoradores...⁵⁶

Essa luta de legitimação ou defesa dos indígenas é bastante conhecida e há farta informação, especialmente nos escritos de Frei Bartolomé de Las Casas. Não vamos nos ater a isso. Basta consultar o livro de Gustavo Gutiérrez que já mencionamos, e se perceberão dois Deuses e duas teologias antagônicas: Deus, o verdadeiro, que rechaça os massacres e os saques, e o outro, a quem chamam ou concebem como Deus cristão, mas que no fundo não é senão o ouro. São Deuses em conflito. Um pela vida e o outro pela morte. Gutiérrez, repetimos, analisa a inversão perfeita do Deus desse tempo. E esse fato, seja dito previamente, não pode deixar-nos indiferentes diante dos cristãos de hoje, não apenas pelo dever, como cristãos que somos, de carregar esse pecado, mas porque ainda sentimos o mesmo fenômeno em nossas sociedades modernas.

3.3. A luta dos Deuses indígena e cristão

A luta dos Deuses pertencentes a dois mundos diferentes dá-se no plano do visível e não é monolítica como se tem percebido comumente. Visto a partir de

56. Bartolomé de Las Casas, *Tratados*, México, Fondo de Cultura Económica, Tomo II, p. 673.

um plano subjacente, não apenas encontramos um enfrentamento entre o Deus cristão e o Deus ou Deuses indígenas. Já vimos que há diferentes concepções e práticas de Deus no centro do próprio cristianismo e do mundo indígena. O que temos é, simultaneamente, uma coincidência e um antagonismo de Deuses.

Tradicionalmente, com o objetivo de exaltar a chegada do cristianismo com os espanhóis e legitimar a imposição da civilização ocidental, a religião *náhuatl* é vista como bárbara, demoníaca, assídua praticante de sacrifícios humanos. Com tal concepção e visão, os conquistadores têm caminho livre para impor a religião judaico-cristã de acordo com sua própria interpretação, evidentemente. E em defesa dessa religião, estes se consideram no direito de destruir todo livro sagrado e todo templo que não seja cristão, e até de matar quem se recusa a aceitar a nova religião. Yacotzin é um exemplo vivo dessa prática, como já foi mencionado anteriormente.

A visão cristã do império espanhol manifestada até então neste continente, não podia tolerar a existência de outra experiência de fé, mesmo que esta mostrasse traços semelhantes ao Evangelho. Entende-se, por um lado, a razão em se recusar um Deus guerreiro como Huitzilopochtli; mas por outro lado se percebe que tal visão cristã não sabe como proceder frente a um Deus como Quetzalcóatl. Daí que, ou se vê nele um Tomás de Aquino (Ramírez, Vetancurt, Boturini, Veytia, etc.) ou o Senhor Jesus Cristo ressuscitado e aparecido pouco depois nessas terras (Hanson), ou então, a partir de uma posição negativa, percebe-se em Quetzalcóatl o demônio que se antecipou aos espanhóis para atribuir-se a glória de ser ele o Deus do céu que enviou a mensagem (Padre de los Ríos).⁵⁷

57. Román Piña Chan, op. cit., pp. 78-80.

Em termos gerais e se considerarmos as correlações de força, o Deus cristão, trazido e imposto pelos espanhóis, saiu-se vitorioso porque seus defensores eram mais poderosos. Lutou contra toda manifestação religiosa fora das fronteiras da fé cristã. Não fez distinção entre Deuses da vida e Deuses da morte. Em outras palavras: houve cristianização. No início com métodos violentos, mais tarde com métodos mais pacíficos.

De maneira que os habitantes deste continente viram-se, a princípio, obrigados a reconhecer a real superioridade do Deus cristão. Não porque proclamasse uma mensagem superior, mas pela força militar com a qual se impunha. Este fato é ilustrado através de três testemunhos antigos: o Chilam Balam, o Diálogo dos Doze e o Relato sobre Tecpanécatl.

O profeta Chilam Balam, dos Maias, invoca para que se entristeçam (os povos) pela chegada do Deus cristão, que os espanhóis qualificavam como verdadeiro.⁵⁸ Segundo o profeta, o cristianismo era nocivo para a vida do seu povo, pois sua chegada representava a entrada do tributo.

*Ai! Entristeçamo-nos porque chegaram!
Ai de Itzá, Bruxo-da-Água (sacerdote),
pois vossos deuses já não protegerão mais!
Este Deus verdadeiro que vem do céu
só de pecado falará,
só de pecado será seu ensinamento.
Inumanos serão seus soldados
cruéis seus cães bravos...
Tereis excesso de dor...
e excesso de miséria,*

58. Conclui-se que o atributo de “verdadeiro” era visto pelos indígenas como nome próprio, pois para eles não existem Deuses falsos em contraposição a verdadeiros.

*pelo tributo reunido
com violência...*

*Preparai-vos para suportar a carga da miséria
que vem sobre vossos povos...*

E mais adiante continua:

*Penoso será o fardo de Katún...
quando chegar o rigor do tributo
quando lhes chegar a grande entrada do tributo
com a chegada do cristianismo,
quando se fundir o princípio
dos 7 sacramentos
quando começar o profundo
desgosto dos povos
e a miséria se estabelecer na terra.⁵⁹*

No chamado “Diálogo dos Doze” (Tenochtitlán, 1524)⁶⁰ transparece com clareza que os missionários querem que os aborígenes abandonem seus Deuses:

*É necessário que vós abandoneis, que desprezeis,
não queirais bem, escarnais àqueles que consi-
derais como Deuses porque não são Deuses.*

Porém, os aborígenes mostram resistência diante da proposta:

59. *El libro de los libros del Chilam Balam*, traduzido por Alfredo Barrera e Sílvia Rendón, México, FCE/SEP, 1984, pp. 68-71.

60. Trata-se dos doze missionários enviados por Adriano V para evangelizar. Os doze decidiram convocar os principais governantes e sacerdotes de Tenochtitlán a fim de explicar-lhes sua missão evangelizadora. Essa atitude opunha-se aos outros missionários que utilizaram ou legitimaram métodos de violência na evangelização. Essas informações são extraídas de manuscritos encontrados no início deste século no Arquivo Secreto da Biblioteca do Vaticano. Miguel León Portilla, *A Conquista da América Latina vista pelos índios*, Petrópolis, Vozes, 1984, pp. 20-23.

*Dissestes que não eram verdadeiros
nossos Deuses.
Nova palavra é esta,
a que falais,
por causa dela estamos perturbados,
por causa dela estamos incomodados.*

*E, agora, nós destruiremos
a antiga regra de vida?*

*Nós sabemos
a quem se deve a vida,
a quem se deve o nascer,
a quem se deve o gerar,
a quem se deve o crescer,
como se deve invocar
como se deve rogar.*

*Não podemos estar tranqüilos,
e certamente não cremos ainda,
não o tomamos por verdade,
(ainda quando) vos ofendemos.*

*Aqui estão
os senhores, os que governam,
os que conduzem, que têm a seu cargo
o mundo inteiro.
Já é muito que hajamos perdido,
que se nos haja tirado,
que se nos haja impedido,
nosso governo.
Se no mesmo lugar
permanecermos,
somente seremos prisioneiros.*

*Fazei conosco
o que quiserdes.
Isso é tudo o que respondemos,
o que retrucamos
ao vosso alento,
à vossa palavra,
ó Senhores Nossos!*

Ainda antes haviam dito:

*Somos gente simples,
somos perecíveis, somos mortais,
deixai-nos, pois, morrer,
deixai-nos perecer,
pois nossos Deuses já estão mortos.*

O terceiro testemunho antigo procede do chefe Tecpanecatl.⁶¹ É um documento que inicialmente aceita o Deus espanhol como estratégia de sobrevivência, e também porque percebem semelhanças entre esse novo Deus e o seu Deus. Depois de lembrar que eram donos das terras e de recordar a seu povo a quantidade de sangue derramado com a invasão, Tecpanecatl propõe:

*Desde há muito tempo essas terras são nossas,
foram-nos deixadas pelos nossos avós...
E devemos construir um novo templo
de adoração, onde possamos colocar
o novo Deus que nos trazem os castelhanos.
Eles querem que o adoremos.
O que devemos fazer, meus filhos?
Convém que nos batizemos, convém que nos
entreguemos aos homens de Castela,
para ver se assim nos poupam da morte.*

61. Documento de Ajusco, D.F. Fragmentos extraídos do caderno n. 8 do CENAMI, *A quinhentos años*, México, 1989.

E continuava mais adiante:

*Eu agora lhes digo: a fim de que não nos matem,
minha vontade é a de que todos nos batizemos e
adoremos o novo Deus, porque o considero seme-
lhante ao nosso...*

O povo aceita a proposta do seu governante, mas pede-lhe que quando vier o “senhor marquês”, para tirar-lhes mais terras, ele interfira e impeça que lhes sejam roubadas. Tecpanecatl promete cumprir seu pedido.

Depois de ler estes testemunhos fica evidente que a princípio não houve evangelização no sentido bíblico do termo, isto é, não houve nenhuma boa notícia. Esta aconteceu só mais tarde quando, em nome desse mesmo Evangelho, alguns missionários atacaram a injustiça contra os aborígenes. O que houve foi cristianização, imposição de uma religião sobre a outra, e o que é pior, como má notícia. Isso todos os cristãos devem reconhecer se quiserem preservar sua honestidade.

4. O Deus da vida e doador da vida como o verdadeiro Deus

Compreender a religião mesoamericana (Maia ou *náhuatl*) como bárbara, idólatra e diabólica é totalmente incorreto. Não revela senão a ignorância dos estrangeiros, pois “tudo o que ultrapassa o entendimento dos espanhóis era para eles idolatria ou obra do demônio”.⁶² As investigações sérias, infelizmente relegadas ao saber antropológico, indicam-nos a cosmovisão

62. Laurette Séjourné, *América Latina, antiguas culturas precolombianas*, México, Siglo XXI, 1987, p. 112.

indígena carregada de uma teologia profunda e que merece um diálogo sério.⁶³

O reconhecimento, pelos conquistadores, do Deus da vida presente no povo aborígine, jamais se deu. Entendemos que isso seria pedir demais aos missionários daquele tempo, que professavam uma religião cujas fronteiras ortodoxas eram extremamente rígidas. Sequer os bons missionários que proclamavam e praticavam a justiça e a defesa do aborígine, segundo o Evangelho, tiveram a capacidade de aceitar que o Deus da vida já estava presente e era venerado antes da chegada dos espanhóis.

Algo contrário observamos em vários testemunhos indígenas. No “Diálogo dos Doze”, os *náhuas* não conseguem compreender a razão da demonização de seus Deuses, já que percebem que o Deus criador-bíblico, apresentado pelos doze missionários, possui os mesmos atributos que seus Deuses. Tecpanecatl afirma igualmente: “adoremos o mesmo Deus, porque o considero semelhante ao nosso”. E nesse mesmo documento, quando chega à conclusão de que a única saída para sobreviver é entregar-se aos espanhóis, conclui: “Aquele que é o verdadeiro Deus, que corre sobre os céus, nos socorrerá das mãos dos de Castela”. Essas palavras denotam a esperança num Deus verdadeiro, que mostra sua verdade enquanto manifestação de sua justiça. Além disso, não importa o nome (próprio) que se lhe queira atribuir.

Quando Bartolomé de Las Casas, ou outro missionário, condena, em nome de Deus, as práticas de escravização e saques dos *encomenderos*, tem como Deus o mesmo Deus acolhido pelos aborígenes vitimados,

apesar de não aceitá-lo como tal. Se afirmamos tratar-se do mesmo Deus, é porque há concordâncias quanto à percepção da realidade entre os missionários “defensores dos índios” e os habitantes destas terras. A análise de Tecpanecatl vai na mesma direção. Ao referir-se aos primeiros anos da invasão, afirma:

Quanto sangue derramou-se! Sangue de nossos pais!

Por quê?

Saibam-no: porque só eles querem mandar.

Porque são ávidos pelo metal alheio e pela riqueza alheia.

E porque querem-nos debaixo de seus calcanhares.

E porque querem zombar, aproveitar-se de nossas mulheres e de nossas donzelas. E porque querem tornar-se donos de nossas terras e de toda nossa riqueza...⁶⁴

Esta é exatamente a mesma análise feita, repetidas vezes, por Las Casas em seus escritos em defesa dos aborígenes.

A diferença consiste em que o *náhuatl* Tecpanecatl, diante do desastre da invasão e da ameaça de desaparecer, acolhe esse novo Deus — dos cristãos — possivelmente porque, ao se falar dele como criador e misericordioso, podia perceber nele a continuidade do único e supremo Deus, o doador da vida.

Da mesma forma, o profeta maia Chilam Balam opta pela invocação do Deus da vida e da justiça, de acordo com a carta já citada:

63. Ibid. pp. 242-300; Miguel León Portilla, *La filosofía náhuatl*, México, UNAM, 1959.

64. Documento de Ajusco, D.F. de 1710, que relata unicamente fatos da conquista. Trata-se de um documento que propõe a “resistência passiva”. Este documento foi publicado pelo CENAMI, op. cit., p. 18.

*Mas virá o dia em que
as lágrimas de seus olhos
chegarão até Deus e baixará
a justiça de Deus de um
golpe sobre o mundo.*

*Verdadeiramente é a vontade de Deus
que voltem Ah-Kantenal
e Ix-Pucyolá para sumir com eles
da face da terra!⁶⁵*

A súplica é dirigida ao Deus da vida, seja na cultura hebraico-judaica ou na mesoamericana. Segundo León Portilla, os Maias, mesmo com a introdução da fé cristã, sabem que o cristianismo prega o amor e a paz, embora a obra dos conquistadores seja contraditória. Os Maias medem a prática do espanhol através de sua própria doutrina. Portilla oferece o seguinte fragmento do profeta maia:

*Este é o rosto de Katún,
o rosto de Katún do 13 Ahau:
quebrar-se-á o rosto do sol,
cairá rompendo-se sobre os deuses de agora...*

*Cristianizaram-nos,
mas nos fazem passar de um dono a outro como
animais.
E Deus está ofendido com os “chupadores”...⁶⁶*

Considerando-se essas referências, pode-se concluir que as vítimas têm capacidade de reconhecer o

único Deus, revelado na Europa, neste continente e em tantas culturas de tempos imemoráveis. Deus, cujo nome se torna vão quando as práticas negam sua verdade e sua justiça.

Entretanto, apesar dessas referências positivas em relação a Deus, devemos reconhecer que até agora temos a impressão de que os aborígenes estão fazendo alusão ao “lado bom” do Deus estrangeiro. Nas entrelinhas podemos perceber o sentimento de que esse Deus pode ser acolhido, já que não é “tão diferente” do Deus cultuado. De certa forma ambos são mantidos como numa espécie de aliança.⁶⁷

Não obstante, há outras maneiras mais integradoras de relação com os Deuses. Na cultura *náhuatl* encontramos um passo a mais no qual não somente se acolhe o Deus cristão como bom, mas que a ele é atribuída parte da cosmogonia indígena, num estado religioso que denota uma continuidade entre o Deus da vida e o Deus cristão, e este sob a figura da virgem de Guadalupe. A harmonia na concepção final de ambos (Deus cristão e Deus indígena), como um só, fica explícita no conhecido relato *Nican Mopóhua*, que contém a aparição da virgem de Guadalupe ao índio Juan Diego. O mexicano Clodomiro Siller analisou minuciosamente essa relação integradora. Um dos dados mais interessantes, de acordo com Siller, é que o Tepeyac (monte onde se deu a aparição da virgem de Guadalupe)

*chegou a ser um lugar onde o índio se expressava
sem expor-se à acusação oficial de heresia. E ao*

65. Chilam Balam de Chumayel, versão de Antonio M. Bolio, op. cit., pp. 29ss.

66. Miguel León Portilla, *A conquista da América Latina pelos índios*, Petrópolis, Vozes, 1984, pp. 63ss.

67. Cf. as palavras do chefe Tecpanecatit citadas acima: “minha vontade é a de que todos nos batizemos e adoremos o novo Deus, porque o considero semelhante ao nosso”.

*mesmo tempo comunicava-se com seu passado religioso, com a antiga Tonantzin, a mãe dos Deuses, cujos nomes temos apenas registrado.*⁶⁸

O mesmo autor afirma, em outro escrito, que o relato *náhuatl* expressa a experiência religiosa do povo indígena que aceita a nova fé enquanto vive suas antigas crenças. Trata-se, segundo Siller, da “compreensão índia de sua própria tradição religiosa, vivida sob as novas circunstâncias de colonização e evangelização”.⁶⁹

Os indígenas tiveram a capacidade de reconhecer o Deus da vida, mesmo sob uma cultura invasora e opressora. Somente a nós, cristãos, falta sabedoria e humildade suficientes para reconhecer o Deus doador da vida em outras culturas que professam uma fé não-ocidental e não-cristã. E no entanto, trata-se do Deus que nos é revelado nas Escrituras. O mesmo Deus que se revelou e se revela sempre na história de todas as culturas, antes de Abraão, nos momentos em que se clama por justiça ou nos quais se manifesta a comunhão, solidariedade, amor, libertação, justiça, verdade, fé e esperança.

Esse Deus nos desafia hoje, através dos indígenas e dos negros, primeiras vítimas da invasão. Hoje, eles, por sua presença cada vez mais protagonista de resistência diante dos 500 anos, tornam-se para nós, mestiços e brancos, boa notícia. Através deles, o espírito de Cristo, assim como o de Quetzalcóatl, está nos evangelizando, pois todos devemos a vida a um só Deus, criador da vida e do universo.

68. Clodomiro Siller, Para una teología del Nícan Mopóhua, in *Servir*, ano XII, 1976, n. 62, pp. 167ss.

69. Clodomiro Siller, *El método teológico guadalupano*, CENAMI, artigo inédito, s/data.

XI

INSISTINDO POR 500 ANOS: NÃO SÓ DE GEMIDOS VIVE A AMÉRICA LATINA!

Ana Cláudia Figueroa

Diversas falas encontramos nos 500 anos de colonização e exploração da América Latina. A pergunta pelo direito à vida já passou muitas vezes pela conversa sobre a terra repartida, os direitos trabalhistas garantidos, as raças respeitadas. Mas é a fala da mulher que anda insistindo nos direitos da barriga: a vida garantida no cotidiano (o posto de saúde para as crianças, a escola, o saneamento). Coisas de quem tem no gemido a dor das entranhas, talvez por ser ela (a mulher) a portadora do ventre, lugar de gestação da vida.

Neste sentido, existe um texto bíblico, conhecido nosso, que tem sido parâmetro para reflexão dos 500 anos de colonização da América Latina. Ele possui um jeito de fala de mulher. Romanos 8,18-25:

*Pois considero que não são comparáveis
os sofrimentos do tempo presente
com a alegria futura a ser revelada por nós,
Pois a criação em expectativa
anela a revelação dos filhos de Deus.*

*Pois à futilidade foi submetida
não voluntariamente, mas por sujeição.
Com esperança de que também a própria criação
será liberta da servidão da corrupção
para a liberdade da alegria dos pequenos de
Deus.*